

Antares Dossiê Hilda Hilst Hilda Letras Hilst

Resenha de obra

MOREIRA, P. *Modernismo localista das Américas: os contos de Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 344p.*

André Tessaro Pelinser**
Rita Olivieri Godet***

Como indicado desde o provocativo título, o recente livro de Paulo Moreira, professor da Universidade de Yale, propõe-se a transitar no limite das feições cosmopolita e localista do modernismo, partindo para tanto dos contos publicados por três expoentes das literaturas de língua inglesa, portuguesa e espanhola. São as histórias curtas de William Faulkner, João Guimarães Rosa e Juan Rulfo que fornecem ao autor um *corpus* literário de matrizes artísticas e linguísticas distintas, mas que ainda assim se aproxima e interage a partir dos três eixos de investigação propostos. O conto, o localismo e a estética narrativa moderna são os elementos selecionados para costurar a análise de uma antologia imaginária de narrativas que, mais do que revelar proximidades e diferenças, desafia certos lugares comuns não só da crítica dos três autores como também, num panorama mais amplo, da crítica do próprio modernismo.

* Resenha recebida em 02/2014 e aprovada em 06/2014.

** Aluno de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG. Bolsista Capes para doutorado-sanduíche na Université Rennes 2, França.

*** Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Professora Titular de Literatura Brasileira na Université Rennes 2, França, e membro do Institut Universitaire de France.

Já na “Apresentação”, o autor deixa claro esse intento, além de precisar certas particularidades decorrentes de um estudo trilingue, como a necessidade de traduzir parte das obras analisadas. Na “Introdução”, Moreira esclarece que a opção pelo termo “localismo” em lugar do usual “regionalismo” não se deve a um desejo de proteção contra os sentidos pejorativos comumente associados ao último, mas à possibilidade conferida pelo primeiro de integrar à reflexão a ficção centrada, por um olhar atento e amoroso, em ambientes urbanos e até mesmo metropolitanos. A seção também destaca a compreensão de “localismo” que orienta a leitura dos textos selecionados: o compromisso literário de uma vida com regiões específicas – nesse caso, partes do Mississippi, de Minas Gerais e de Jalisco.

A seguir, ainda na “Introdução”, propõe uma instigante reflexão sobre o lugar de Faulkner, Rosa e Rulfo na tradição literária, uma vez que, para o crítico, a inovação alcançada pelos três autores é tributária de duas ondas de estética narrativa moderna surgidas a partir dos anos 1880, indo até 1920. Se para as tradições críticas de matriz anglo-saxônica e hispânica essa reflexão não promove grandes desconfortos, o mesmo não pode ser dito em relação ao caso brasileiro. Como Moreira demonstra com trechos de críticas, as três matrizes comungam de um histórico pendor por considerar culturalmente atrasados os grupos sociais representados nas obras desses autores, mas é no caso brasileiro que deve causar maior incômodo uma perspectiva que avalie a obra rosiana a partir de uma estética narrativa moderna situada já nos anos 1880.

A linha de raciocínio, como era de se esperar de um estudo originalmente trilingue, situa-se também no limite das três matrizes críticas. Por isso, nesse mesmo capítulo introdutório, o autor sinaliza algumas diferenças importantes na apreciação crítica dos diversos *modernismos*. Defende que o termo, como é tomado pela tradição crítica anglo-saxônica, se por um lado se vê engessado pelos limites da cultura de língua inglesa, por outro possui a vantagem de abarcar um período maior de tempo e diferentes escolas. Nessa perspectiva, o *modernism* da segunda metade do século XIX, que inclui Naturalismo e Simbolismo e o *high modernism*, centrado principalmente no ano de 1922, com *Ulysses*, de Joyce, e *The Waste Land*, de T. S. Eliot, são colocados lado a lado com o “movimento internacional, particularmente forte na América Latina, inspirado pelo Simbolismo, Parnasianismo e Decadentismo franceses e tendo como destaque a figura do poeta Rubén Darío (1867–1916)” (MOREIRA, 2012, p. 32), que

recebe na crítica hispano-americana a designação de *modernismo* e se inicia no fim do século XIX, estendendo-se até princípios da década de 1920.

A partir desse lugar descentrado, o autor problematiza o caso brasileiro: enquanto o termo em espanhol é capaz de acomodar as obras de José Martí e de Rubén Darío e a versão inglesa suporta Mallarmé e Ibsen, o termo em português não é capaz de abarcar Cruz e Souza e Machado de Assis, que caem num limbo conceitual. Por isso, no âmbito do seu estudo, sustenta que “O termo em inglês em seu sentido mais amplo nos é útil na medida em que ressalta as continuidades entre a literatura produzida desde finais do século XIX até os anos de 1960” (MOREIRA, 2012, p. 33).

Em seguida, na “Parte 1”, intitulada “Percorrendo uma antologia imaginária” e subdividida em quinze capítulos, Moreira situa aquilo que chama de o coração do livro. Quinze contos de Faulkner, Rosa e Rulfo, intercalados e analisados individualmente, mas com pontes entre si e para outras obras dos três escritores, compõem uma antologia pensada pelo autor para esmiuçar as características modernistas e localistas das obras enquanto pertencentes a um contexto maior, as Américas. Nas análises, que podem ser lidas separadamente ou como um conjunto, ecoam temas, motivos, personagens, dispositivos narrativos e linguísticos responsáveis por conferir unidade não só à obra crítica, como também à visão do contexto artístico e social no qual se inseriram os escritores.

Na segunda parte, intitulada “Do local ao cosmos literário” e dividida em quatro capítulos, o autor examina os mundos de cada um dos escritores – “O mundo de William Faulkner”, “O mundo de João Guimarães Rosa” e “O mundo de Juan Rulfo” são seus títulos. Concede, portanto, um capítulo para cada, nos quais inclui mapas por ele elaborados, em que investiga os entrecruzamentos e as superposições dos universos reais e imaginários experimentados e criados pelos três artistas. Pesa, com isso, a real importância do local na elaboração dos universos ficcionais de Faulkner, Rosa e Rulfo, sem minimizá-la, como foi e ainda é corrente nas reflexões críticas voltadas ao trio.

Precisamente por isso, no quarto capítulo dessa segunda parte do livro, “Nadando contra a corrente”, Moreira assinala a complexa relação da crítica e dos próprios autores com o Regionalismo, momento em que a marca do local se torna sempre uma preocupação, um elemento a ser afastado. “Faulkner, Guimarães Rosa e Rulfo foram instados a comentar sobre a proeminência do local na sua ficção e é palpável nesses comentários a postura defensiva dos três” (MOREIRA, 2012, p. 231),

aponta o autor. Nadando contra a corrente, o crítico demonstra a precariedade do posicionamento já consolidado, que invariavelmente considera que os defeitos existem por causa da ambientação das narrativas em meios rurais provincianos, enquanto as qualidades existiriam sempre apesar disso. Nesse sentido, Moreira vai de encontro à perspectiva que busca reduzir o localismo nesses três autores a uma fina camada de verniz, a um véu de pitoresco que serviria apenas para mascarar um miolo de valores universais capazes de garantir a grandeza das obras. Isso equivale, na sua visão, a fazer de uma dimensão central da obra um mero maneirismo.

Nas “Considerações finais”, o autor retoma e sintetiza alguns dos principais temas que orientaram as análises, fazendo para tanto pequenas subdivisões que não chegam a constituir capítulos. O conto, os termos modernidade, moderno e modernismo, a possibilidade de um exercício comparatista das Américas e a própria recepção crítica de *Modernismo localista das Américas* merecem as seções à parte que promovem o balanço final e assinalam os possíveis caminhos a serem trilhados.

Paulo Moreira, nesse trabalho rigoroso e aprofundado de comparatismo, escrito como tese de doutorado em Literatura Comparada para a Universidade da Califórnia, propõe uma inflexão epistemológica fundamental para o campo dos estudos literários, sobretudo o brasileiro, onde, porventura em razão do complexo de colonizado, a dimensão local do modernismo foi continuamente subavaliada. Pela ênfase no aspecto local, ao invés do cosmopolita, e pela escolha de autores ímpares na capacidade de conjugar o localismo a técnicas modernas de narrativa incessantemente vinculadas ao cosmopolitismo do período em que se desenvolveram, o trabalho problematiza pontos essenciais da crítica que dão ensejo à superação de certos vícios de julgamento historicamente arraigados.